



ZÓZIMO

O reinício da saion em Paris afirma definitivamente a jaqueta como o maior hit da moda para o inverno europeu. As jaquetas curtas e com zíper podem ser usadas com calças do mesmo tecido ou não.

ALMOÇO DE HOMENAGEM

● Na sala reservada do Terrasse Clube, o Procurador Alvaro Americano reuniu ontem um pequeno grupo para despedir o Embaixador José Manuel Frago. ● Estavam presentes o ex-Governador Negrão de Lima, os Embaixadores Geraldo Eulálio do Nascimento Silva e Miguel do Rio Branco, o presidente da CNI, Sr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil Neto, os Srs. Gustavo Afonso Capanema, José Colagrossi, Didu de Sousa Campos e Gustavo Magalhães, bem como os diplomatas portugueses António Bandeira e Fausto de Albuquerque.

VAIVEM

● O Itamarati monta em outubro, em Brasília, uma individual do pintor Lula Cardoso Aires, em substituição à mostra da coleção de peças de arte sacra de Abelardo Rodrigues, encerrado com o maior sucesso no dia 7. ● Segue na segunda-feira para Roma pela Air France a Sra. Branca de Melo Franco Alves, a única mulher latino-americana a fazer parte do Conselho Laical do Vaticano. ● A Sra. Mimi Lufner seguiu, from São Paulo, para uma temporada na Europa.

TURISMO NA BAHIA

● Quando era presidente da Embratur o Sr. Joaquim Xavier da Silva, nasceu a idéia de se transformar o convento do Carmo, em Salvador, uma obra do século XVII, numa pousada, a exemplo do que fizeram com seus fortes e conventos antigos a Espanha e Portugal. ● Pôls a obra é hoje uma realidade e deverá se tornar, depois de inaugurada, dia 2 de julho de 1973, num dos pólos de atração turística da Bahia. Tudo está sendo feito, como manda o figurino, com a supervisão do Patrimônio Histórico. ● Por exemplo: os apartamentos, em número de 73, serão as antigas celas dos frades, evidentemente melhoradas em seu conforto e dotadas de banheiros. Tanto o mobiliário dos quartos, como das demais peças, será antigo e para tanto, na medida do possível, estão sendo restaurados armários, mesas, cadeiras, etc., como eram originalmente. Agora, o requinte máximo: as mesas do bar serão mesas de sacristia autênticas, da época, que estão também sofrendo trabalhos de restauração.

O assunto de Paris

● Voltarei hoje, com mais detalhes, ao assunto da restituição à Sra. Perla Lucena Mattinson das maravilhosas peças de arte chinesa roubadas de seu apartamento em Paris por um ladrão meses atrás. ● Um dia, por acaso, a Sra. Perla Mattinson foi em companhia de uma amiga à galeria de objetos de arte de Jacques Kugel, uma das mais famosas lojas de antiguidades de Paris, e notou dois pares de vasos que reconheceu como tendo sido roubados de sua casa alguns meses atrás. ● Não tocou no assunto e quando chegou em casa comunicou o fato ao seu marido, Sr. Graham Mattinson, que dois dias depois apareceu na galeria acompanhado de um inspetor de polícia, o qual, por sua

Depois da premiere de Cabaret, Liza Minelli, estrela do filme, compareceu à festa organizada no saguão do próprio Cinema George V, nos Champs Elysées, para comemorar a apresentação, acompanhada do manequim Marisa Berenson e de Joel Grey



INTERNACIONAIS

● Petula Clark é mãe pela terceira vez: nasceu esta semana seu primeiro filho homem, Patrick. ● Juliet Prowse e John McCook reanunciando seu casamento para breve. Para quem não se lembra, a dançarina estava de casamento marcado para agosto mas teve que voltar da porta da igreja para dar à luz às pressas a um menino, filho evidentemente do noivo. ● O cosmonauta Scott Carpenter, hoje um próspero homem de negócios, casou-se pela segunda vez, agora com a filha de um rico produtor de Hollywood.

"TOURNEE"

● O pianista Jacques Klein recebeu o roteiro da tournée programada para o ano que vem. JK começa dia 9 de janeiro com um concerto no Royal Festival Hall, de Londres, e termina em fins de maio com uma excursão de 18 dias pela África do Sul. ● Em março, entretanto, o pianista interrompe por uns dias a tournée para estar presente a reabertura, no Rio, da Sala Cecília Meireles.

CONTRAPONTO

● De volta da Europa, Al Abithel fará o lançamento de novos coleções até o fim do mês. Antes, programou, com início hoje, uma liquidação para a sua Sir Anthony.

BOAS GARGALHADAS

● O cineasta Jorge Dias filmando um curta-metragem sobre a obra de Lígia Pape e António Manuel, com a participação especial de Lígia Clark. ● O pintor Manabu Mabe ganhou de presente do Sr. Adolfo Mayer, seu amigo e colecionador, um relógio especial para marcação do tempo de duração das partidas de golfe.

ESCLARECIMENTO

● O professor José Carlos Barbosa Moreira esclarece que sua participação no projeto do novo Código de Processo Civil se restringiu a assistir, em caráter extra-oficial, às reuniões realizadas nesta cidade, a convite do professor Luis Machado Guimarães e do desembargador Luis Antônio de Andrade, que integraram a referida comissão, e através dos quais ele formulou algumas sugestões. ● E mais: não compareceu até esta data à Câmara dos Deputados para prestar esclarecimentos sobre a matéria porque não recebeu convite algum nesse sentido. E nem está escrevendo um artigo sobre o assunto.

ZIGUEZAGUE

● Casam-se dia 29 na Glória do outeiro, Vilma Camargo Teixeira e Nilton de Almeida Lima. Lua-de-mel na Europa. ● A Sra. Mira Perry decola no dia 28 para a Europa. ● O entalhador Batista expõe seus últimos trabalhos no Hotel Nacional, em Brasília.

LANÇAMENTO

● O Embaixador dos Estados Unidos e a Sra. William Rountree e os Harry Stone lançam, este fim de semana em Brasília, com um jantar na Embaixada americana, o filme *The Godfather*. ● Entre os convidados, a sociedade brasileira, além, obviamente, de autoridades governamentais.

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

● Os russos estão até hoje sem entender a ausência do jogador de basquete César no time brasileiro que foi a Munique. Na excursão feita este ano pela nossa seleção de basquete à Europa, César fez 40 pontos num jogo Brasil x URSS realizado em Moscou deslumbrando os soviéticos. Estes, quando viram a nossa seleção chegar em Munique, ficaram morrendo de medo, achando que tínhamos um supertime, no qual não havia lugar para um craque da categoria de César. ● No que, aliás, como se viu, estavam redondamente enganados.

ESCLARECIMENTO

● O professor José Carlos Barbosa Moreira esclarece que sua participação no projeto do novo Código de Processo Civil se restringiu a assistir, em caráter extra-oficial, às reuniões realizadas nesta cidade, a convite do professor Luis Machado Guimarães e do desembargador Luis Antônio de Andrade, que integraram a referida comissão, e através dos quais ele formulou algumas sugestões. ● E mais: não compareceu até esta data à Câmara dos Deputados para prestar esclarecimentos sobre a matéria porque não recebeu convite algum nesse sentido. E nem está escrevendo um artigo sobre o assunto.

ZIGUEZAGUE

● Casam-se dia 29 na Glória do outeiro, Vilma Camargo Teixeira e Nilton de Almeida Lima. Lua-de-mel na Europa. ● A Sra. Mira Perry decola no dia 28 para a Europa. ● O entalhador Batista expõe seus últimos trabalhos no Hotel Nacional, em Brasília.

ESTRÉIA

● Estreou ontem no Teatro Broadway, em Buenos Aires, Elis Regina, cujas apresentações têm o patrocínio do Banco do Brasil. E mais: para marcar o acontecimento a Philips argentina está anunciando o lançamento do LP *Ela*, de Elis.

CASAMENTOS

● O *carpet* de hoje marca dois importantes casamentos unindo famílias ilustres. As 11 horas, na Capela de Santa Inês, casam-se Regina Lúcia e Miguel, filhos, respectivamente, dos casais José Antônio Corrêa Medina e Carlos Augusto Leal Jourdan. ● Ao meio-dia, no Mosteiro de São Bento, casam-se Cristina Isabel, filha do professor e Sra. Carlos Chagas Filho, e Eduardo Eugênio, filho do Sr. e Sra. João Pedro Gouveia Vieira.

PARA O MÉXICO

● Por falar em casamento: Leda Lúcia Lemos e Arlindo Galdeano estão voando para o México onde se casarão.

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

Aliança
DECORAÇÕES

CAMISAS DENNER
A nova linha exclusiva para Primavera/Verão 72 você encontra no **rubem's** moda masculina. Rua Francisco Sá, 36 A - a parada obrigatória para quem quer elegância.

AMBIENTE NOBRE PARA O SEU LAR
R. CONDE DE BOMFIM Nº 512
TEL. 266-9750 - 266-5828

os Sádicos
MAY MORNING
JANE BIRKIN, ALESSIO ORLANDO, JOHN STEINER, ROSSELLA FALK
MICAELA PIGNATELLI, IAIN SINCLAIR, EDDA DI BENEDETTO
LIGIO LIBERATORE
MONDIAL T.E.F.

HOJE OPERA
HORARIO: 2-4-6-8 E 10 HORAS
PRAIA DE BOTAFOGO, 340

LUIZ SEVERIANO RIBEIRO

JANE BYRE
O famoso romance de CHARLOTTE BRONTË agora um filme inesquecível!

George C. Scott YORK
JAN BANNEN, RABEKKA JOHNSON, NORTON PORTER, JAC HAWKINS

DESTINO DE UMA PAIXÃO
CINELIBRE Espetacular

OSWALDO MASSUINI
HOJE
AS 12-14-16-18-20-22-24-26-28-30

ROXY
ICARAI

TARCISIO MEIRA
COMO HOMEM, AMANTE E IMPERADOR!

2ª FEIRA
também no **VENEZA**

CINEMA E A MAIOR DIVERSÃO

Os homens de negócios estão se reunindo no Rose, e você?

RESTAURANTE ROSE
DRINKS E APERITIVOS

Música selecionada, ar condicionado, do 1/2 dia até a alta madrugada.
Av. Copacabana, 80-A - Tel.: 235-3782
Aos sábados: feitiçada limpa e sem sal.

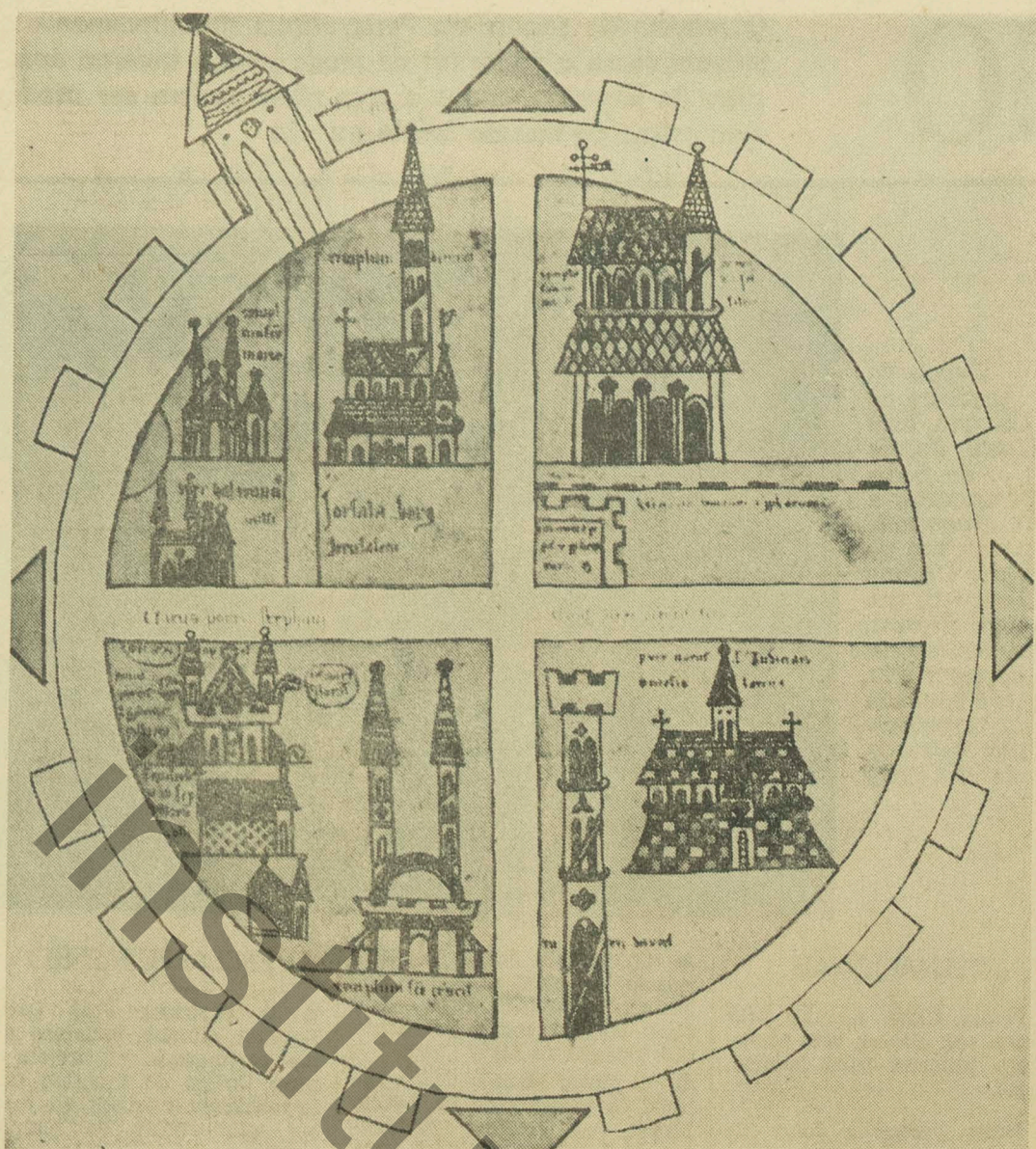
TOM & JERRY
DEPOIS DE MERCEDAS FERIAS

EXTRA DE FUTEBOL
O GRANDE FLA-FLU

DE LAUREL HARDY
COM

cine HORA
DESDE 10 HS.

ED. AVENIDA CENTRAL
LUA O LIVRO, JA NAS LIVRARIAS,
O TERCEIRO MILENIO
EM MANIPULAMENTO MONDIAL



VISÃO MEDIEVAL DA JERUSALÉM CELESTE

“MANDALA” O CÍRCULO MÁGICO

de

J. O. DE MEIRA PENNA

O termo *mandala* adquiriu circulação geral graças aos trabalhos de Jung e de sua escola psicológica de Zurique. A *mandala*, palavra que vem do sânscrito e designa o círculo mágico, é muito usada no misticismo tibetano, no budismo japonês e na ioga tântrica como um desenho cujo propósito é proteger a alma de influências malféticas. Também pode servir como objeto concreto para a contemplação mística. Sob a forma de residência celestial dos deuses, seria uma representação cósmica em forma gráfica, ponto de concentração das energias universais e, em seu centro, habitaria o Buda Vairocana, soberano dos céus.

Usualmente, as *mandalas* representam uma cidade, um desenho urbanístico — ou um palácio ou templo, dividido em setores, pátios ou recintos fechados. Contêm não apenas o círculo, mas também o quadrado. Não obstante o significado da palavra, são frequentemente só quadrados.

O grande psicólogo suíço descobriu — e é essa sua contribuição para o tema que aqui nos seduz — que os desenhos mandálicos são universais: existem na Antiguidade, como no Islã e no cristianismo. E são também produzidos espontaneamente sob as mais diversas formas, por pacientes em tratamento analítico; ou por doentes mentais; ou ainda por indivíduos normais, como indicação de um avanço no chamado processo de individuação. Proteção natural em casos de grave crise psicológica, a *mandala* contém tanto o *ego* consciente quanto o arquétipo transcendente que Jung denomina *steh* ou *selbst*, o si-mesmo. É por isso um símbolo de ordem e totalidade e constitui um novo centro da personalidade.

O arquétipo do inconsciente coletivo

As *mandalas* são nômades e correspondem à natureza microcômica da psique, escreve Jung.

— Expressim de qualquer maneira, ordem, equilíbrio e totalidade. Os próprios doentes costumam enfatizar os efeitos benéficos e sedativos de tais imagens.

As *mandalas* sugerem usualmente idéias ou pensamentos religiosos, isto é, *numinosos*; ou então, idéias e pensamentos filosóficos. A maior parte possui um caráter intuitivo, irracional e, através de seu conteúdo simbólico, exerce uma influência retroativa sobre o inconsciente. Possuem os desenhos, portanto, um significado *mágico*, como se fossem ícones cuja possível eficácia nunca foi sentida conscientemente pelo paciente.

— Na verdade, é pelo efeito de suas próprias imagens que os analisandos descobrem o que significam tais ícones.

Jung discute longamente o conteúdo da *mandala* na quarta parte de uma de suas obras mais importantes: *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, onde também reproduz um número considerável de desenhos mandálicos.

As *mandalas* aparecem com frequência em situações de confusão ou desorientação psíquica: nas crises nervosas, estafa, pretúdio da loucura. O arquétipo então constelado representa um padrão de ordem que, à semelhança de um alvo ou mira psicológicos, marcados por uma cruz, ou por um círculo dividido em quatro, é superposto ao caos, de maneira que cada conteúdo se possa colocar em seu lugar e seja, contra a confusão ambiente, sustentado pelas muralhas protetoras de construção circular.

Jung admite, porém, que existem também *mandalas* distorcidas, perturbadas ou imperfeitas, derivadas do padrão normal quadrado-círculo-cruz, ou do número qua-

tro. A problemática é a da *quadratura do círculo*, perseguida pelos alquimistas e mágicos da Idade Média. Tais seriam, por exemplo, as mandalas alongadas, retangulares, triangulares, ovais ou poligonais, baseadas nos números 3, 5, 7 e respectivos múltiplos. De qualquer forma, representa um desenho eminentemente significativo para aquele que sobre ele se detém, pois lhe granjeia interiormente ordem, unidade e paz. A própria mandala é o caminho em direção ao Centro Divino.

Ao tratar de fenômenos psicológicos relacionados com a esfera do coletivo, isto é, como o campo da história, da cultura, das ciências sociais e da teoria política, podemos à análise oferecer os planos urbanísticos das cidades como se fossem mandalas. O Plano-Piloto seria uma mandala da coletividade.

Mas com o propósito de estabelecer, em sólida base empírica, tal relação entre o produto do inconsciente pessoal e o produto da *psique coletiva* — eis que o próprio Jung nos vem em auxílio. Pois ele desenhou uma mandala em forma de cidade a qual, não obstante ser bem conhecida de seus leitores, nunca foi analisada como tal.

A cidade ideal de Jung

O aludido desenho urbanístico foi publicado no livrinho *O Segredo da Flor Dourada* e na obra já mencionada *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (Nº 9 das Obras Completas, Routledge e Kegan Paul, Londres, 1959). Jung o descreve como “uma pintura de uma cidade medieval”. Com maior precisão, diríamos que se trata de uma cidade ideal do Renascimento italiano, arranjada quadraticamente, sob a forma de uma estrela. Jung delineia a morada mandálica da seguinte maneira, abstendo-se, porém, naqueles livros, de informar ao leitor que se trata de sua própria criação:

— A cidade interior é redonda e cercada de muralhas e fossos, como a cidade imperial de Pequim. Os edifícios estão todos abertos para dentro, em direção ao centro, representado por um castelo com um telhado dourado. Ele é também cercado por um fosso. O terreno à volta do castelo é coberto de lajotas brancas e pretas, representando a união dos opostos.

Jung ainda compara sua mandala com imagens da Jerusalém celeste, bastante conhecidas no simbolismo cristão medieval.

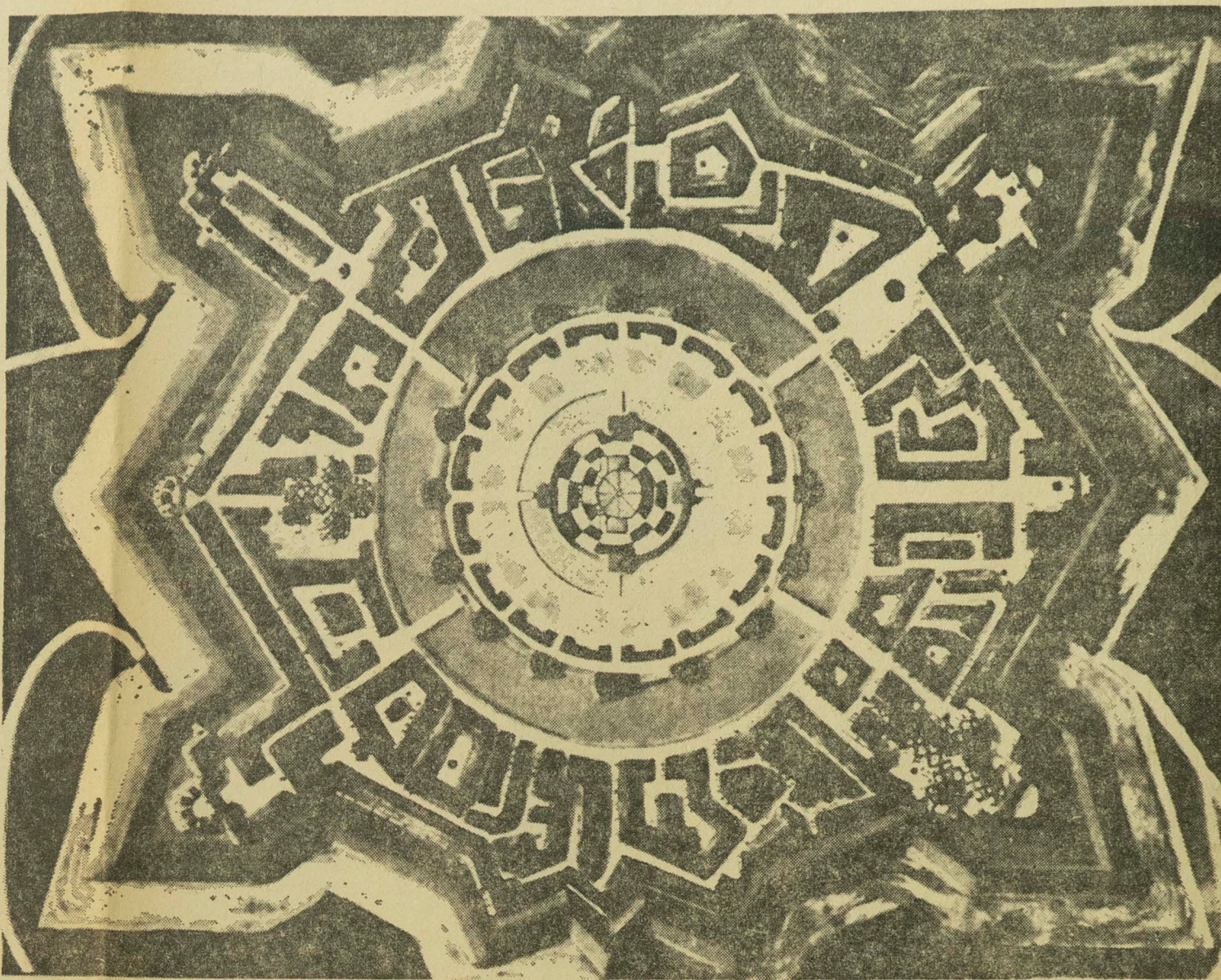
No que diz respeito ao *background* pessoal desse curioso plano urbanístico, descreve Jung, em sua autobiografia (*Memoórias, Sonhos, Reflexões*, 1961), brilhante descrição dos processos mentais que conduzem à emergência do símbolo, surgido dos corredores obscuros do inconsciente. O desenho é tanto mais curioso quanto jamais

o gênio quase universal de Jung demonstrou qualquer espécie de interesse especial pelos problemas de arquitetura e urbanismo. A experiência do autor é fascinante porque nos sugere uma explicação da sutil transposição da imagem — de uma fantasia arquitetônica à da “cidade em nós”. Quando concebeu essa planta aérea de uma cidade fortificada renascentista, já passara Jung dos 40 anos de idade. Acabava de atravessar um período angustiante de “confrontação com o inconsciente” — aquilo que, usando uma dessas palavras alemãs *quilmétricas* e intraduzíveis, denominava *Auseinandersetzung* — confrontação que marca, como se fora, o grande momento de mudança para a “segunda metade da vida”. Jung sempre insistiu na importância desse período de transição, que considerou quase tão grave quanto a crise da puberdade e sobre o qual se debruçou, com particular empenho, a sua escola psicológica (ao passo que o freudismo, justamente, sempre esteve mais atento aos problemas da infância e adolescência).

Alguns anos antes, suas relações amistosas com Freud tanto pessoais quanto profissionais, haviam sido tristemente interrompidas. Fora um trauma. Jung encontrava-se agora só, inteiramente só, um introvertido empenhado na auto-análise de seus sonhos, visões e fantasias; um explorador na aventura solitária de penetrar nos recantos mais desconhecidos da alma; ou mesmo, se levamos a sério a interpretação freudiana, um discípulo, designado pelo mestre para ser o sucessor, que acabava de trair o pai e consumir o patricídio simbólico. Quando Jung, certa vez, atreveu-se a contestar a teoria da sexualidade diante do mestre, o choque que isso causou a Freud foi de tal ordem que teve um chill que e foi carregado nos braços de Jung. Jung, por sua vez, decidiu separar-se de Freud depois de muita hesitação, que culminou em um sonho em que o fundador da psicanálise aparecia fardado de inspetor.

A ruptura com o antigo mestre o afetou, de qualquer forma, como uma tremenda experiência emocional. Encontrava-se agora na fase mais profunda (ou “otônica” como é chamada) na saga mítica do herói arquétipo: o estágio da aventura subterrânea. Além disso, tudo estava ocorrendo no tempo da Primeira Guerra Mundial, em que Jung foi chamado para servir no Exército suíço. Imediatamente antes do conflito, experimentara o sábio uma série de pesadelos terríveis, em que via correr rios de sangue, causando-lhe mesmo, em certo momento, o receio de estar prestes a sofrer uma crise neurótica. A guerra permitiu-lhe compreender esses pesadelos, tornando ao mesmo tempo mais claros seus propósitos ou sua tarefa: “Era obrigado a entender”, escreve Jung, “o que

Depois da sistematização freudiana, os estudos do inconsciente explodiram em teorias e revelações. Jung, entre os seguidores de Freud, foi quem levou mais longe as pesquisas do inconsciente, buscando sua origem na remota experiência mítico-social. *Mandala* é uma palavra sânscrita, revelada por Jung e que significa, entre outros conceitos, a representação cósmica em forma gráfica, um ponto de concentração das energias universais, um centro. Através



A CIDADE IDEAL DE JUNG

havia acontecido e até que ponto minha própria experiência interior coincidia com a da humanidade em geral. Consequentemente, minha primeira obrigação era penetrar nas profundidades de minha própria psique.”

Nesse processo de auto-análise, ativado pela função ordenadora da alma, uma interpenetração complexa de conteúdos pessoais e coletivos ocorrera, a qual se tornou o fundamento da escolha da imagem política: a Cidade, símbolo essencialmente social e histórico. Gradualmente, já para o fim da Guerra, esboços de uma transformação interior começaram a se fazer sentir. Traços ancestrais, material coletivo do “país dos mortos”, motivos mitológicos e outros do gênero principiam a se tornar visíveis, em formas que se animavam progressivamente no inconsciente. Jung desejava mostrar que os conteúdos de sua experiência eram reais, “e reais não apenas no sentido de que constituíam minha experiência pessoal, mas como experiências coletivas que outros também estavam sofrendo”. Foi assim que conseguiu elevar-se acima da escuridão. Um acontecimento momentâneo contribuiu para esse resultado: principiou a entender o significado dos desenhos mandálicos, o primeiro dos quais havia pintado em 1916, em plena guerra.

Um sonho

O processo do desenvolvimento espiritual alcançou um ponto culminante 10 anos depois (1927-28), confirmando a intuição de Jung através de um sonho que lhe forneceu a chave inspiradora para o tema de dois desenhos — um dos quais é precisamente o que estamos aqui considerando. Conforme confessou mais tarde, apresentava esse sonho um caráter altamente “numinoso” — isto é, alcançava o nível do sublime. Conduziu-lhe à visão primeira do que chama o *Selbst*, o si-mesmo — o que quer dizer, à intuição do mais recôndito núcleo da psique e a uma experiência direta do supremo arquétipo, daquele que estabelece verdadeiramente uma relação ou um contato íntimo entre a totalidade psíquica e o *Grund*, o Fundamento Divino.

Nesse pequeno episódio onírico, encontra-se Jung numa cidade. Ou mais exatamente, está em pé numa praça, no meio da cidade que tanto pode ser Liverpool (*liver-pool*, “a fonte da vida”) ou Basileia (a cidade originária de sua família). “Os vários bairros (quarters) individuais da cidade também estão dispostos de uma maneira radial, em torno do ponto central. O ponto forma uma pequena praça aberta, iluminada por uma grande lâmpada ou poste de rua, e constitui uma réplica da ilha.”

Através desse sonho, compreende Jung que o “*Selbst* é o princípio e arquétipo de orientação e significado. É nisso que jaz sua função curativa. Significa essa intuição, para mim, a possibilidade de aproximar-se do centro e, portanto, do objetivo final. De-la emergiu o primeiro esboço do meu mito pessoal.”

O sonho serviu de inspiração direta para o desenho da cidade fortificada. Ao usar o lápis e o pincel, depois de haver atingido o que representava um fim supremo, Jung apenas tentou fixar sobre um pedaço de papel a projeção passageira, sutil, evanescente — e tremenda! — de seu próprio eu: sua cidade, sua grande metrópole pessoal,

o plano de Jerusalém santa ou capital do reino de Deus que “está em nós”...

A cidade chinesa

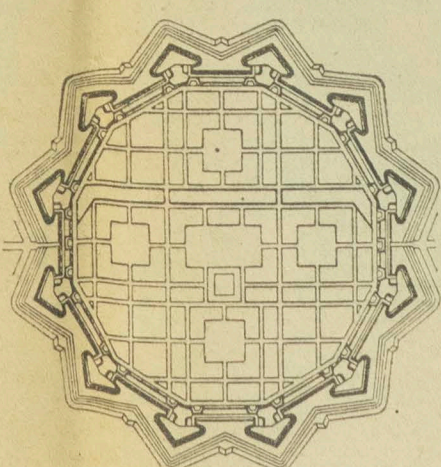
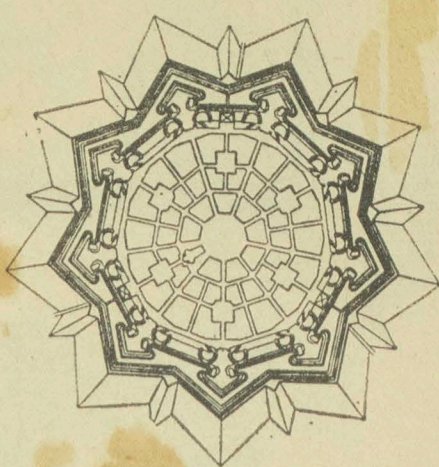
Com relação a essa importante experiência onírica, há ainda a lembrar um detalhe curioso. A *mandala* de Jung, em sua forma de vila fortificada, possui não apenas aspectos ocidentais que são da época do Renascimento ou da *Aufklärung*, mas ainda revelam algo de chinês. “Quando terminei”, Jung recorda, “perguntei-me: porque tem um aspecto tão chinês? Fiquei impressionado com a forma e a escolha das cores, que me pareceram tão chinesas, embora nada houvesse de exteriormente chinês no desenho. No entanto, era assim que me impressionavam. Por estranha coincidência, recebi pouco tempo depois uma carta de Richard Wilhelm (o conhecido sinólogo), incluindo o manuscrito de um tratado alquímico taoísta, intitulado *O Segredo da Flor Dourada*. Como resultado de tal correspondência com Wilhelm, Jung tornou-se conhecedor do termo e do significado particular das mandalas tibetanas e hindus.

É verdade que “nada há de externamente chinês” nesse desenho. Para começar, o urbanismo chinês traçava as cidades segundo um modelo invariavelmente quadrático ou retangular. Há, porém, o fato de que o monumento central da cidade fantástica ostenta um telhado dourado. Os arquitetos chineses cobriram os palácios da cidade proibida de Pequim, entre os quais a residência imperial isolada no retângulo interior da capital, com telhas de cerâmica dourada. O uso do amarelo ou dourado constituía, no ritual do império central, uma prerrogativa do Filho do Céu. Só os edifícios diretamente relacionados com a pessoa do Imperador podiam gozar desse privilégio. As vestimentas com bordados dourados eram também prerrogativa dos mandarins da Corte.

O amarelo ou a cor de ouro estão, por outro lado, no simbolismo psicológico das cores, associados à função de intuição. Seu aparecimento, no centro da *mandala*, denuncia o papel preeminente que essa função psíquica desempenha na mente de Jung; e bem assim a tarefa mais específica, empreendida pela intuição, no sentido de facultar à consciência um contato com o fundamento do ser inconsciente. É também verdade que a compreensão intuitiva ou uma duradoura familiaridade com o hábito chinês, muito peculiar, de “associações mágicas” de idéias, são necessárias para entender alguns dos mais obscuros conceitos da psicologia junguiana.

Assim como é um símbolo de totalidade, a cidade contém os dois princípios opostos — um feminino, de estabilidade, proteção e amor; outro masculino, de poder, mudança, discriminação, agressividade e autoridade. Os dois princípios da metafísica chinesa — Yin e Yang — entram em fértil matrimônio numa cidade bem ordenada — uma cidade transparente aos arquétipos que a cercam.

Para terminar, citaremos as palavras de Jung nas conferências de Tavistock, onde, após reafirmar sua convicção de que representa a cidade uma totalidade fechada em si mesma, “um poder que não pode ser destruído, que existe há séculos e existirá ainda por muitos séculos”, acrescenta que “a cidade com quatro portas simboliza a idéia de totalidade; é o indivíduo que possui as quatro portas do mundo, as quatro funções psíquicas (agrupadas em dois pares de oposto, a saber: pensamento x sentimento, e intuição x sensação), e é assim, contido em si mesmo — a cidade das quatro portas, em sua indestrutível integridade — a consciência e o inconsciente unidos.”



DUAS CIDADES IDEAIS DA RENASCENÇA: DE BUONAIUTO LORINI (1592) E DE VINCENZO SCAMOZZI (1615)

de desenhos, as mandalas têm servido como veículo terapêutico e ultimamente interessado artistas plásticos por suas possibilidades gráficas e míticas. *Circum-ambulatio*, por exemplo, é uma exposição — recentemente realizada no Museu de Arte Moderna — em que um grupo de artistas — liderados por Anna Bella Geiger — estabeleceu um roteiro de pesquisa sobre o círculo. Forma que encerra em si, segundo a teoria junguiana, “a ordem e totalidade humanas”, constituindo um novo centro da personalidade

A ARTE EM TORNO DO CENTRO

ANNA BELLA GEIGER

Quando falamos de um *circum-ambulatio* teremos de nos lembrar primeiramente que a consciência ocidental esteve tanto tempo fechada ao outro horizonte da História, desconhecido, que chegou mais explicitamente com o estudo penetrante do homem pré-histórico e com os descobrimentos da Psicologia profunda. Estas revelações e encontros trouxeram para nós uma modificação das mais radicais na história do homem. Poderíamos colocar esta nova percepção do inconsciente na mesma medida dos descobrimentos marítimos do Renascimento e astronômicos consequentes à invenção do telescópio, que nos revelou mundos dos quais não se suspeitava a existência. As descobertas da Renascença, por exemplo, tiveram como resultado uma modificação total da imagem do universo e do conceito de espaço, que, como diz Eliade, ainda assegurou por três séculos ao menos a supremacia econômica e política do Ocidente.

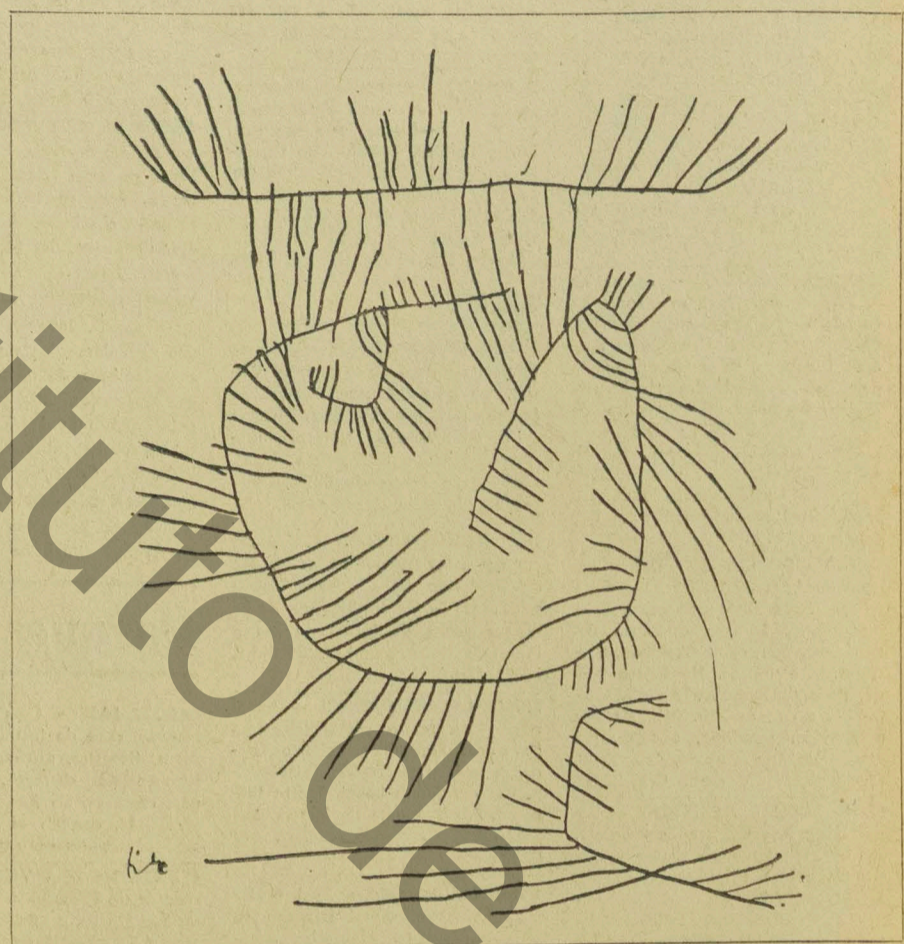
Da mesma maneira que as técnicas oceanográficas e de exploração da terra mergulharam nas profundezas marinhas ou na revelação das cavernas, onde encontraram organismos há muito desaparecidos da superfície terrestre, também a entrada no inconsciente manifestou formas de vida psíquica até então inacessíveis. Eram as formas arcaicas da vida psíquica. Com Freud descobriram-se os mundos imersos do inconsciente e sua técnica inaugurou um novo modo de entrar no desconhecido do homem. Também o esforço para compreender corretamente os modos do pensamento alheio à tradição da razão ocidental, para decifrar o significado dos mitos e símbolos — e é o que nos vai interessar — enriqueceu demais a consciência. Neste campo, etnólogos, psicólogos, historiadores de religião e artistas, possibilitaram com suas investigações um caminho para o conhecimento total do homem.

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência de viver o mais possível no sagrado ou na intimidade dos objetos consagrados. Esta tendência é compreensível, pois para o primitivo como para o homem de todas as sociedades pré-modernas o sagrado equivale ao poder, e em definitivo à realidade. Poder é para ele realidade, perenidade e eficiência. O homem religioso deseja profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder, como diz Eliade. A experiência do homem profano — o que deseja viver num mundo dessacralizado — é recente no espírito humano. Ato fisiológico como alimentação e sexualidade, não são mais do que processos orgânicos, quaisquer que sejam os tabus que ainda os entrem. Já para o primitivo, tal ato não é apenas fisiológico. É ou pode tornar-se uma relação mais apropriada com o sagrado. Isto nos encaminhará ao sentido de centro no homem. Veremos que para o homem religioso o espaço não é homogêneo, apresenta rupturas. Há porções de espaço qualitativamente diferentes dos outros. Esta experiência de não-homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial. É anterior a toda reflexão sobre o mundo. Não há só ruptura na homogeneidade do espaço. Na extensão homogênea e infinita onde nenhum ponto de referência é possível, no qual nenhuma orientação pode ser efetuar, escolhe-se um lugar, um ponto fixo, absoluto, um centro.

PONTO FIXO ABSOLUTO

Nada pode começar a ser feito sem uma orientação anterior, e toda orientação implica a escolha deste ponto fixo. Este tipo de homem se esforça em estabelecer no centro do mundo. A descoberta ou a projeção deste ponto fixo — o centro — equivale à Gênese. Para viver no mundo, é preciso fundá-lo, pois nada pode nascer no caos. É assim que Média se comporta no filme de Pasolini, quando ao desembarcar com os amigos de Jasão num local inabitado, pergunta pelo centro, já que, para eles que ali se instalaram imediatamente, o espaço parece homogêneo e neutro. O espaço geométrico pode ser delimitado em qualquer direção, mas não há nenhuma diferença qualitativa. A existência, mesmo a mais dessacralizada, conserva ainda traços desta valorização do mundo. O homem pré-moderno, como o descobre Eliade em relação a este comportamento, procurará o lugar em que fundará a cidade, tendo como fim imediato a orientação na homogeneidade do espaço. Ele procura um sinal para pôr fim à tensão provocada pela relatividade e ansiedade alimentadas pela desorientação. Enfim, para encontrar um ponto de apoio absoluto.

Para consagrar o espaço há muitas técnicas. O ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente na medida em que reproduz a obra dos deuses. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale ao seu desejo de se situar na



REPRESENTAÇÃO DO SELF, SEGUNDO PAUL KLEE

realidade objetiva, de viver num mundo real e eficiente e não numa ilusão. Deve-se acentuar que o que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que seus membros subentendem entre seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca. O primeiro é o mundo, o cosmos, o resto não é mais um cosmos, mas uma espécie de outro mundo, um espaço estranho e caótico. Um território desconhecido e inocupado, participa ainda da modalidade fluida e larvária de caos. Ocupando e, sobretudo, se instalando nele, o homem se transforma simbolicamente em cosmos.

Na perspectiva das sociedades arcaicas tudo que não é nosso mundo não é ainda um mundo. Não se faz seu um território, a não ser criando-o de novo, isto é, consagrando-o. Até os tempos modernos, este comportamento chegou com os diversos conquistadores tomando posse de territórios que haviam descoberto e conquistado. Instalar-se num território torna-se, em última instância, consagrá-lo. Já que a instalação não é mais provisória — como nos nômades — mas permanente — como nos sedentários como nós — ela implica uma decisão vital que engaja a existência de uma comunidade toda. Uma pilara cósmica, como a designam, localiza e estabelece a ligação entre as regiões inferiores e superiores. Esta coluna (pilastra) só pode para eles situar-se no centro mesmo do Universo, e, portanto, a totalidade do mundo habitável se estende em torno dela.

Um número considerável de crenças, mitos e ritos derivam deste sistema do mundo tradicional. As cidades santas se encontram no centro do mundo, os templos e a casa onde vive o homem tradicional também. De tudo isto resulta que o verdadeiro mundo se encontra sempre no meio, no centro, pois é onde há rupturas de níveis. Às vezes o cosmos é um país inteiro, uma cidade ou uma aldeia. Esta multiplicidade de centros, e esta reiteração da imagem do mundo em escalas cada vez mais modestas constitui uma das notas específicas das sociedades tradicionais.

O homem das sociedades pré-modernas aspira a viver o mais perto possível do centro do mundo. Ele sabe que seu país se encontra efetivamente no meio da Terra, que sua vila constitui o Umbigo do Universo, mas ele quer também que sua própria ca-

sa se situe no centro e seja também a *imagem-mundo*. O centro é para este homem, justamente onde o espaço torna-se sacro, real por excelência.

EM BUSCA DO CENTRO

A semelhança do universo que se desenvolve a partir de um centro e se estende até os quatro pontos cardiais, a cidade se forma a partir de um cruzamento. É a divisão do universo em quatro horizontes. Mesmo em alguns povos antigos europeus vamos encontrar esta marcação, e não é de admirar, pois na verdade é uma ideia arcaica e muito repetida, de que a partir de um centro, projeta-se os quatro horizontes nas quatro direções cardiais. A cidade assim considerada era um cosmos e todo ataque exterior a ameaçava de se transformar em caos. É provável, como afirma Eliade, que as defesas dos lugares habitados e cidades foram na origem defesas mágicas: seus fossos, labirintos, muralhas, estavam dispostos de forma a impedir que demônios e almas dos mortos a invadissem, mais que os ataques dos homens. Encontramos em todo lugar o simbolismo de *centro do mundo* e é ele que na maioria dos casos nos faz entender o comportamento tradicional sobre o espaço no qual se vive. O uso do termo *caos* significa a anulação de uma ordem, de um cosmos de uma estrutura orgânica e isto provavelmente mostra que as imagens exemplares sobrevivem ainda na língua e clichês do homem moderno. Qualquer coisa da concepção tradicional do mundo se prolonga ainda no seu comportamento. Assim projetamos ainda esta necessidade do centro nas formas mais variadas, seja na fundação de um centro cultural, ou nos planos de afirmação ou de constatação de que há centros urbanos em níveis mundiais, nacionais, na nossa cidade, no centro esportivo, etc.

O sociólogo Moles constata que para a programação sensorial de uma cidade é necessário um perfeito conhecimento de sua topografia e cultura de seus habitantes para fixar a densidade e a qualidade de micro-eventos sensoriais em cada área. O centro seria o local de maior densidade, pois afirma ele que “as cidades devem sempre ter um centro, para evitar que seus habitantes fiquem divididos em núcleos.” No planejamento de várias cidades encontramos frequentemente a forma circular, central e suas periferias ou radiais. As-

sim também encontramos vários prédios nesta mesma forma circular. São consideradas plantas em mandala.

Mandala significa círculo mágico. A planta em mandala é a projeção de uma imagem arquetípica que surge do inconsciente humano para o mundo exterior. A cidade por exemplo se converte em símbolo de complemento psíquico e deste modo exerce uma influência específica que vive nele. A construção de cidades em mandala representava sua transformação em cosmos ordenado, lugar sagrado, vinculado por seu centro com o outro mundo. Como diz Jung, a menos que estejamos enganados de todo, as mandalas representam o centro psíquico da personalidade. Seja em fundações clássicas ou primitivas, este plano nunca foi traçado por considerações de ordem estética ou econômica. A representação simbólica da mandala compreende todas as figuras dispostas concentricamente, redondas ou quadradas, tendo um centro, assim como todas as disposições radiais ou esféricas. Em várias tribos de índios este símbolo exerce várias funções. Entre os índios navajos, exemplificados por Jung, são feitas pinturas com areia representando estruturas análogas à mandala, para trazer uma pessoa enferma à harmonia consigo mesma e com o cosmos, e portanto devolver-lhe a saúde.

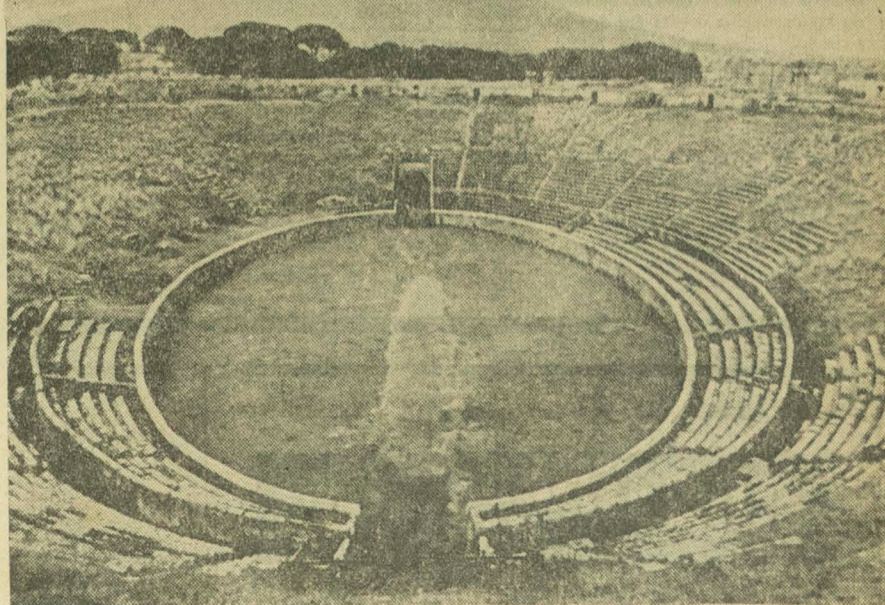
A percepção e busca do centro do ser humano e no ser humano aparece e é representada de várias maneiras. Exterior a ele, há as projeções dos vários centros e interiormente há seu próprio corpo e seu psiquismo. No nosso organismo o olho tem esta evidência de centro e periferia; o umbigo é o próprio centro do corpo.

EM ENERGIA

O ponto central é, psiquicamente, energia e não se apresenta de uma maneira estática. A passagem da circunferência para seu centro equivale à passagem do externo para o interno, isto é da multiplicidade para a unidade, do espacial ao não-espacial, do temporal ao atemporal. Na matéria psíquica o centro e sua circunferência são a totalidade da psique. *Self* é, como diz Jung, um termo que é preciso essencialmente compreender como designando esta totalidade de psique. Pode ser representado como o inventor, organizador e fonte de imagens oníricas. É o centro que regula e proporcionaliza a abertura e amadurecimento constantes da personalidade. Isto surge primeiramente como uma possibilidade inata. Pode mergulhar ou desenvolver-se como uma totalidade relativa ao longo de toda a vida. O artista sempre manipulou mesmo inconscientemente símbolos do psiquismo humano. Ele cria, desenvolve e “rompe níveis”, à medida que outros símbolos lhe são revelados. É o artista que desvenda sempre novas leis da criação, novas relações que o ajudam a se conhecer, e com isso a transformar a realidade cultural em que atua. É o processo de aproximação e de verdadeira procura do si mesmo. Em todos os tempos os homens percebem instintivamente a existência deste centro interior. Círculos aparecem gravados em rochas que datam do neolítico, anterior à roda. A representação de espiral também como evolução de uma força, a partir do centro, vem correspondendo a esta busca. Como Jung diz:

“... o caminho é primeiramente sem discernimento e caótico, e não é, a não ser progressivamente, que se multiplicam as indicações que assinalam a existência de um alvo. Este caminho não vai em linha reta. É aparentemente cíclico. Um conhecimento mais preciso mostra que se eleva em espiral.” Estas figuras iremos encontrar em temas oníricos ou representações das mais remotas do ser humano. Com este sentido de força de evolução e de concentração sobre o centro, lugar de transformação criadora, podemos encontrar uma das últimas obras de Klee que ele intitulou especificamente de *sichselbst* (si-mesmo), e que vem se unir a suas percepções finais quando diz:

— Eu sou inapreensível na imaginação porque eu vivo tão bem entre os mortos como entre os embriões. Algo mais próximo do coração da criação que o habitual. Em Miró, o barroco espanhol e holandês, com Sanchez Cotan e van Dyck em naturezas mortas, em Rembrandt, em Mondrian, iremos encontrar esta mesma representação “talvez inconsciente” do *self*. Este *circumambulatio*, processo de concentração exclusiva sobre o centro, traz a compensação de que a evolução compreende um processo de individualização e podemos dizer que “cada povo, cada homem tem seu centro do mundo. É seu ponto-de-vista, seu ponto imantado. Lá, onde se juntam este desejo coletivo ou individual do homem de saber, de amar e de agir, e este poder sobre-humano capaz de satisfazer este desejo, lá é o centro do mundo.”



AS CIDADES SEMPRE PROCURARAM ESTABELECE-SE EM TORNO DE UM CENTRO

Carlos Drummond de Andrade

ÀS PORTAS DO ENIGMA

“Aconteceu uma parada. Ai um chefe dos soldados falou que eles tinham que se preparar para o desfile. Ai o soldado disse que tinha que preparar os cavalos. Ai o empregado do quartel foi preparar o cavalo. Cortou a crina do cavalo, cortou o rabo do cavalo sem cortar todo, acertou só. Ai os cavalos estavam todos prontos. Ai os soldados montaram no cavalo e foram marchando, os soldados marchando tinham um conjunto. Ai de repente todos os cavalos brigaram; soldado caiu no chão, um soldado caiu no buraco. O cavalo saiu correndo, foi embora, ai o chefe parou uma corda e levou o cavalo. O soldado que estava no buraco cheio de lixo achou uma jóia. Era um anel que falava, pediu ao soldado para largar o anel porque ele era vampiro, porque conseguia voar. O soldado tinha uma corda e foi subindo, não precisou virar vampiro. Saiu do buraco e ficou feliz da vida.”

Esta é uma das histórias contadas por adolescentes do Instituto Pestalozzi, aprendizes das oficinas pedagógicas. Trata-se de excepcionais, a quem a professora Rosza Wigdorwig vel Zolaz, desde 1965, vem pedindo que traduzam em palavras o mundo nebuloso de suas mentes. Uma seleção desses contos, produzidos com espontaneidade, está reunida em três folhetos prefaciados pela Dra. Rosza, que tenta erguer uma ponte entre o mistério do ser e a participação social, mesmo limitada, a que deve tender a educação dos excepcionais. Outra história:

“A rainha da Inglaterra — Era uma vez uma rainha que nasceu. Ai nasceu o príncipe. A rainha tem um filho dela. O príncipe é o pai dele. O garoto tem um irmão dele. Um duas moças primas dela e dois rapazes primos dela. Veio dois moços maridos das primas dela. Aquelas moças trouxe filho dela. O garotinho tem um irmão dele. Veio cinco moças passar no Rio com a rainha. Veio gente ver ela. A rainha é má, o pessoal não gosta dela, tem raiva dela porque ela quebrou copo com raiva do marido dela que brigou com ela. Ela foi embora para casa, ela foi passar em São Paulo e voltou no Rio, foi ver o jogo carioca e paulista.”

Ganhou coisas, uma jarra, ganhou planta, flor. Pelé deu a ela, ela ficou contente.”

Leões, onças, lobos, cobras, animais devoradores transitam na imaginação dos excepcionais. A morte passava de mãos dadas com a vida, e na paixão de Cristo o ladrão Barrabás figura ao lado de Joaquim Xavier, o bom. Quando é dia de futebol, Satanás transforma-se em homem. A realidade filtra-se pensosamente através do muro, e reflete-se no espelho turvo mas receptivo desses adolescentes: “Jesus trabalha na máquina igual a gente, fazia uns trabalhos, serrava madeira, construía bancos igual a gente, mesas, cadeiras, ele era muito inteligente.” Mais outro miniconto:

“Este porco era brabo. Todo mundo ia pegar ele, não pegava nunca. Ai um moço pegou a rede e jogou a rede, deu uma batida na cabeça dele pá! O porco ficou gritando, ai o homem pegou um machado, acabou matando o porco. Ai o porco estava morto, ai o homem pegou álcool e jogou no porco. Ai o homem pegou o facão para tirar o couro. O homem é muito pobre, vendeu a carne do porco e ele ficou rico. O homem se sentiu rico porque vendeu o porco. Ele comprou uma casa, comprou um terreno, comprou um cavalo para andar. A distancia era muito longe, ele ia andando com cavalo. Entrou numa padaria, comprou pão com manteiga e voltou para casa.”

Alguns autores das historinhas costumam procurar a Dra. Rosza e diz-lhe que querem desenvolver suas narrativas. Outros, que não as concluíram, declaram que jamais poderão fazê-lo. Há os que pedem para rere suas criações, enquanto outros não as lerão nunca. E alguns as modificam sem parar.

As impressões profundas e irrelatadas até então, o conceito mítico ou dolorido que esses seres fazem do mundo, a sombra entremeadada de fios de luz, em que se movem, tornam precioso o material recolhido no Pestalozzi. São retratos interiores, sobre os quais o psicólogo e o educador se debruçam no afã de dar sentido à vida dos excepcionais. Às vezes a professora se pergunta: “Será que vale a pena?” É o caso de responder-lhe com Fernando Pessoa, que tudo vale a pena se a alma não é pequena. E esta chegou às portas do enigma, levando a esperança.

Em apresentação única no Rio, o violonista israelense Zvi Zeitlin (foto) será o solista do 8.º concerto da Série A da OSB, amanhã às 16h, no Teatro Municipal. Sob a regência do maestro holandês Peter Eros, ele interpretará o Concerto em Mi Menor para piano e orquestra, de Mendelssohn, completando-se o programa com a Gruta de Fingal (abertura), do mesmo autor, e a 6.ª Sinfonia — Patética, de Tchaikovsky



SERVIÇO

Cinemas

Terra em Transe, de Gláuber Rocha, em sessão extra hoje à meia-noite, é a melhor indicação para um fim de semana onde o espectador possui boa margem de escolha: **A Guerra Acabou**, de Alain Resnais; **O Mensageiro**, de Joseph Losey; **Procura Insaciável**, de Milos Forman; **A Última Sessão de Cinema**, de Peter Bogdanovich; **Os Visitantes**, de Elia Kazan; **A Bela da Tarde**, de Luis Buñuel e **Charlie Bubbles**, de Albert Finney. E, ainda, lançada quase às escondidas, **Tojo**, o Militarista, de Hirochika Horikawa.

JOSÉ CARLOS AVELLAR

ESTREIAS

OS SÁDICOS (May Morning), de Ugo Liberatore, com Jane Birkin, Alessio Orano e John Steiner. Drama passado em Oxford, na Inglaterra. Italiano. Em cores. **Opera** (Praia de Botafogo 340 — 246-7705): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

DEUS ESTÁ CONOSCO (Got Mit Uns), de Giuliano Montaldo. Drama num campo de concentração aliado ao fim da II Guerra Mundial. Com Franco Nero, Richard Johnson, Larry Aubrey, Helmut Schneider. Em cores. **Super-Brum-70** (Rua Visconde de Pirajá, 595 — 287-1800) (hoje, sessão à meia-noite), Rio (Rua Conde de Bonfim, 302) (hoje, sessão à meia-noite). (18 anos).

A MANCHA DO PASSADO (Go Home), de Herbert R. Leonard. Drama. O relacionamento conflituoso entre um jovem e o pai condenado pela morte da mãe. Com Robert Mitchum, Brenda Vaccaro e Jean-Michel Vincent. Americano. Em cores. **Metro-Beavista** (Rua do Passieiro, 62 — 224-7922) (hoje, sessão à meia-noite), **Metro-Copacabana** (Avenida Copacabana, 749 — 237-9797) (hoje, sessão à meia-noite), **Metro-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 366 — 248-8840): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Lagoa Drive-In** (Avenida Borges de Medeiros, 1.426 — 227-5686): 20h30m e 22h30m. (18 anos).

O DESTINO DE UMA PAIXÃO (Jama Eyre), de Dalhart Man. Drama Com George C. Scott e Susannah York. Em cores. **Curcio** (Avenida Copacabana, 1.394 — 227-3544): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (Livre).

TOJO, O MILITARISTA (Gunbatsu), de Hirochika Horikawa. Filme histórico de produção japonesa. Com Toshiro Mifune, Kiju Kobayashi e Toshio Kurosawa. **Estrea** (Rua do Cateite, 228 — 245-6813): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h30m. (18 anos).

QUANDO EXPLODE A VINGANÇA (Duck, You Sucker), de Sérgio Leone. Western nas fronteiras EUA/México e em território mexicano agitado pela revolução. Com Rod Steiger, James Coburn, Rómulo Valli. Em cores. **São Luís** (Rua do Cateite, 315 — 225-7459), **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 222-1508), **Tijuca**, **Comodoro**: 13h40m, 16h20m, 19h, 21h40m. (18 anos).

MARIDOS EM FÉRIAS (O Mês das Cigarras/brasileiro), de Konstantin Tkaczenko. Enquanto mulher e filhos passam férias numa estância de águas, um industrial tem uma aventura com uma jovem ucrana. Com Mária Benvinuti, Kate Hansen, Roberto Batalin, Marina Mendes. Em cores. **Art-Palácio-Méier** (R. S. Rabelo 20 — 249-4544), **Art-Palácio-Madureira**: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

QUANDO OS OITO SINOS TOCAM (When Eight Bells Toll), de Etienne Périer. Um oficial da Marinha britânica investiga o desaparecimento de navios que transportam ouro do Governo. Com Anthony Hopkins, Nathalie Delon, Robert Morley, Jack Hawkins, Corin Redgrave, Derek Bond. Inglês. Em cores. **Viúva** (R. Senador Dantas, 45-A — 242-9020) **Miramar** (Av. Delfim Moreira): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

MARTA (Marta), de J. A. Nieves Cande. Maladrada passionai. Com Maria Mell, Stephen Boyd, George Rigaud. Espanhol. Em cores. **Plaza** (Rua do Passieiro, 78 — 222-1077): 10h, 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

ANJOS SEM PARAÍSO (Angeli Senza Paradiso), de Ettore Fizzarotti. Filme sobre o compositor Schubert. Com Romina Power e Al Bano. Italiano. Em cores. **Tijuca-Palace**: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

CONTINUAÇÕES

OS VISITANTES (The Visitors), de Elia Kazan. Dois combatentes, condenados por estupro e assassinato no Vietnã, procuram nos Estados Unidos o companheiro de armas que depois contra ele filme baseado no roteiro do filho do cineasta, Chris. Com Patrick McVey, Patricia Joyce, James Woods, Chico Martinez e Ste-

(Av. N. S. Copacabana, 801 — 255-0953): 16h30m, 19h, 21h30m. (18 anos).

OS MACHÕES (brasileiro), de Reginaldo Faria. Comédia. Três rapazes se tornam cabeleireiros de senhoras e se fazem passar por afeminados para gozar da intimidade das mulheres. Com Reginaldo Faria, Erasmo Carlos, Flávio Migliaccio, Márcio Hathay, Kate Hansen, Mário Benvenuti, Neusa Amaral, Valentina Godói, Tania Scher. Em cores. **Rian** (Av. Atlântica, 2.964 — 236-6114), **Capri** (Rua Voluntários da Pátria, 82), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Palácio** (Rua do Passieiro, 38/40 — 222-0838), **Imperator** (Méier), **Alameda** (Niterói), **Leopoldina** (Penha), **Moça Bonita** (Bangu), **Paz** (Caxias): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

O SUPERMACHO (Homo Eroticus), de Marcos Viciaro. Um siciliano de excepcional virilidade e sua ascensão social no Norte da Itália. Com Lando Buzzanca, Rossana Podesta, Luciano Salce, Sylvia Koscina, Ira Furstenberg, Bernard Hill. Italiano. Em cores. **Condor-Copacabana** (R. Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Paratodos** (Rua Arucas Cordero, 350 — 251-6403): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Mauá** (Ramoad): 15h, 17h, 19h, 21h. **Odeon** (Niterói): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h. (18 anos).

REAPRESENTAÇÕES

POR QUE ESTÁS TODA NUVA? (Dove Vai Tutta Nuda?), de Pasquale Festa Campanella. Comédia italiana. Com Maria Grazia Buccella, Tomas Miliano, Gastone Moschin e Vittorio Gassman. Em cores. **Ricamar** (Avenida Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

A GUERRA ACABOU (La Guerra est Finie), de Alain Resnais. Com roteiro do escritor espanhol Jorge Semprun. Com Yves Montand, Ingrid Thulin e Genevieve Buïold. Últimas exibições (o prazo da censura vai expirar) do filme escolhido pela crítica carrega como o melhor filme de 1967. **Paisandú** (Rua Senador Vergueiro 35 — 265-4653): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

O MENSAGEIRO (The Go Between), de Joseph Losey. Com Julie Christie e Alan Bates. Premiado no Festival de Cannes 1971. **Piscon** (Avenida Pirajá, 351 — 287-1935): 15h, 17h20m, 19h40m, 22h. (18 anos).

MULHERES APAIXONADAS (Women in Love), de Ken Russell. Versão do romance de D. H. Lawrence. Com Alan Bates, Glenda Jackson, Oliver Reed e Jenni Linden. Em cores. **Alasca**: 14h30m, 17h, 19h30m, 22h. (18 anos).

O SUBMARINO AMARELO (Yellow Submarine), de George Dunning, desenho animado de longa-metragem baseado nos Beatles. Inglês. Em cores. **Cinema-1** (Av. Prádo Júnior n.º 281): somente às 14h e 16h. (Livre).

IDÍLIO PROIBIDO (brasileiro), de Konstantin Tkaczenko. Drama. Com Sueli Fernandes, Marcos Augusto, Roberto Batalin, e outros. **Estrea Gláucio**. Em cores. **Mesbla** (Rua do Passieiro, 42 — 242-4880): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

OS COWBOYS (The Cowboys), de Mark Rydell. Western. Com John Wayne, Roscoe Lee Browne, Bruce Dern, Colleen Dewhurst. Americano. Em cores. **Leblon** (Av. Ataulfo de Paiva, 391-B — 227-7805), **Santa Alice** (Rua Barão do Bom Retiro, 1095 — 228-9993): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. (14 anos).

O GOLPE DA PANTEIRA (Perfect Friday), de Peter Hall. Thriller. Com Ursula Andress, Stanley Baker. Inglês. Em cores. **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

A NOITE DA VERGONHA (Vergogna, Schifosi), de Mauro Severino. Problemas de dois rapazes e uma jovem que tentam vencer numa grande cidade. Com Lino Capolicchio, Mariella Bianco, Roberto Bitacco. Italiano. Em cores. **Britânia** (Rua Desembargador Iádro), **Santa Rosa** (Iguazu), **Santa Rosa** (Niterói), **São João** (Meriti). (18 anos).

AS DUAS IRMÃS (Le Due Sorelle), de Roberto Malenotti. As estranhas relações de duas irmãs e seus problemas com os homens. Com Susan Strasberg, Nathalie Delon, Massimo Girotti, Giancarlo Giannini. Italiano. Versão em francês. Em cores. **Condor-Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

SOB O DOMÍNIO DO MEDO (Straw Dogs), de Sam Peckinpah. Um professor americano muda para uma fazenda isolada na Inglaterra, onde é envolvido pela violência que os lutivos a deixar os EUA. Com Dustin Hoffman, Susan George. Em cores. **Venezia** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (18 anos).

MORRER DE AMOR (Mourir d'Amour), de André Cayatte. A história verdadeira de uma professora e um estudante com o meta de sua idade perseguidos por seu amor. Com Annie Girardot, Bruno Brédal. Francês. Em cores. **Copacabana**

(SHENANDOAH) (Shenandoah), de Andrew McLaglen. História ambientada no Sul dos Estados Unidos durante a Guerra Civil. Com James Stewart, Doug McClure, Glenn Corbett, Patrick Wayne, Rosemary Forsyth. Americano. Em cores. No mesmo programa: **Terra Selvagem** (This Savage Land), de Vincent McEveety. Western. Com George C. Scott, Barry Sullivan, Kathryn Hays. Americano. Em cores. **Rax** (Rua Alvim, 33 — 222-6327): 13h15m, 15h50m, 20h25m. (14 anos).

LUA-DE-MEL & AMENDOIM (brasileiro), de Pedro Carlos Rovai e Fernando de Barros. Comédia. Com Renata Sorrah, Rossana Ghessa, Carol Mossi, Newton Prado. Em cores. **Riviera** (Av. Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

A BELA DA TARDE (Belle de Jour), de Luis Buñuel. A vida dupla de uma burguesa casada que frequenta um bordel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Genevieve Page. Francês. Em cores. **Scala** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

EXTRA

TERRA EM TRANSE (brasileiro), de Gláuber Rocha. 1967. Com Jurdal Filho, Gláucio Rocha, Paulo Autran e José Lewgoy. Fotografia de Dib Lufi. Hoje, à meia-noite, no **Cinema-1**.

LADRES DE BICICLETAS (Ladri di Biciclette), de Vittorio de Sica. Itália, 1948. Com Lamberto Magliorini, Lianella Carel e Enzo Staiola. Legendas em português. Hoje, às 18h30m e às 20h30m, no **CineMata** do MAM.

CHARLIE BUBBLES (A Máscara e o Rosto), de Albert Finney. Com Finney, Colin Blakely, Billie Whitelaw, Liz Minelli. Hoje e amanhã, no **Museu da Imagem e do Som**: 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h.

O SUBMARINO AMARELO (The Yellow Submarine), de George Dunning. Inglaterra, 1968. Com The Beatles. Hoje à meia-noite, no **Pax**.

KILL, de Roman Gary. Com Stephen Boyd, Jean Seberg, James Mason e Curd Jürgens. Policial. Em cores. Em pré-estrea, hoje, à meia-noite, no **Rian**.

A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA (The Last Picture Show), de Peter Bogdanovich, com Timothy Burtyn, Ben Johnson, Cloris Leschman. Americano. Hoje, às 22h15m, no **Cine Mesbla** (Rua do Passieiro, 42/50).

CINE HORA — Sessões e partir das 10h, apresentando o melhor filme de cada ano. Hoje, às 22h15m, no **Cine Mesbla** (Rua do Passieiro, 42/50).

CINEMA NA PRAÇA — O Serviço de Cinema Educativo Cultural está exibindo, sempre às 20h, filmes culturais nas seguintes praças: Hoje, na Praça Catete e dia 15, em Setúbal.

HORÁRIOS — Os horários dos programas de cinema divulgados neste roteiro são fornecidos pelas empresas e, portanto, de exclusiva responsabilidade dos distribuidores e exibidores.

Tania Scher, Vera Brahim. **Teatro Casa-Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 300 (227-6475). De 3a. a 6a. às 21h30m. Sáb., às 20h30m e 22h30m. Dom., às 18h30m e 21h30m.

PANORAMA VISTO DA PONTE — Drama de Arthur Miller. Conflitos sociais e emocionais entre descendentes imigrantes italianos em Nova Iorque. Direção de Odavilas Pitti. Com Leonardo Villar, Vanda Lacerda, Hélio Ari, Sérgio Dionísio, Cecília Loloia e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). De 3a. a 6a., às 21h, sáb., às 20h e 22h, dom., às 18h e 21h, e vesp., 5a. às 17h. Em temporada popular até o dia 1.º de outubro: diário: entrada Cr\$ 10,00, aos sábados, Cr\$ 15,00.

ESQUINA PERIGOSA — Drama de J. B. Priestley. Nova montagem da conhecida peça de suspense. Dir. de Aurimar Rocha. Com Carlos Eduardo Dolabella, Célia Coutinho, Rita de Cássia, Aurimar Rocha e outros. **Teatro de Bolsos**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). 3a., 4a. e 6a.-feira, às 21h30m, 5a.-f., às 16h e 21h30m, sáb., às 21h e 22h30m, dom., às 18h15m e 21h30m. (18 anos). Temporada popular a Cr\$ 6,00 e Cr\$ 12,00. Até amanhã.

O JOGO DO CRIME — Drama policial de Anthony Shaffer. Duelo de vida e morte entre dois adversários inteligentes. Direção de João Behre. Com Paulo Gracindo, Gracindo Jr. e outros. No **Teatro Gláucio**, Praia de Russel, 632 (245-3436). De 3a. a 6a., às 21h, sáb., às 20h e 22h15m. Domingo, às 19h. (18 anos). De terça a sexta, Cr\$ 20,00, sáb. Cr\$ 25,00, dom. Cr\$ 20,00.

CRÊDULO... EXPLICA? — Comédia de Ron Clark e Sam Bobik. Um representante da classe média declara guerra à homossexualidade. Dir. de João Behre. Com Jorge Dória, Lara Corchia, Eduardo Torrealba, Hildegard Angel e Luiz Armando Queirós. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 59 (252-3456). 21h, sáb., às 20h e 22h30m, vesp. 5a., 17h e dom., 18h e 21h. (18 anos). De 3a. a 6a. Cr\$ 20,00, sáb. Cr\$ 25,00. Estudantes, Cr\$ 10,00, exceto 6a. e sáb.

UMA NOITE EM CLARO — Comédia em um ato de Arthur Asvatour. Dir. de Fernando Bohrer. Com Solange França e Paulo Ribeiro. **Sala Gláucio Rocha da Escola de Teatro** Praia do Flamengo, 132. 5a. hoje, às 21h30m.

SIGLO AGNÔNICO CENCI — Experiência de teatro psicofísico, com os atores argentinos Roberto Grana e Carlos Tréfice (ex-participantes do Grupo Lobo). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Moraes, 824 (247-9794). Às sextas-feiras, às 20h30m.

DYSANGELIUM (Hic e Hoc) — Espetáculo experimental baseado na obra de Friedrich Nietzsche. Apresentação do Centro de Pesquisas do ex-teatro (Teatlab). Dir. de Ailton Kerenski, com Edgard Ribeiro. Na **Associação Scholom Aleichem** (ASA), Rua São Clemente, 155 (226-7740). Aos sábados, às 21h30m, e domingos, às 20h30m.

BANDA ANTIQUA — Recital com o programa: **Frotelas, Baladas Elisabeteanas, Baladas Shakespeareanas** e outras obras do século XVIII. Amanhã, às 17h, no **Teatro Artur Azevedo** (Rua Vitor Alves, Campo Grande). Entrada franca.

RECITAL — Com o pianista Artur Moreira Lima. No programa, **Sonata N.º 2**, de Beethoven, **Scherzo N.º 2** e **Nocturno Op. 27, N.º 1**, de Chopin, e **Quadros de uma Exposição**, de Mussorgski. Segunda-feira, às 21h, no **Teatro Municipal**. Apresentação em benefício do Preventório Santa Clara.

QUARTETO DA SINFÔNICA DE PORTLAND — Segunda-feira, às 20h30m, no **Instituto Brasil-Estados Unidos** (Av. Copacabana, 690). Entrada franca.

CONCERTO — Com o tenor Carlos Augusto de Carvalho e o pianista Alcega Romero. No programa, 20 composições de músicos brasileiros. Terça-feira, às 18h, no **Audatório Lorenzo Fernandes** (Av. Graça Aranha, 57). Entrada franca.

ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL — Sábado, às 16h, no **Audatório Lorenzo Fernandes** (Av. Graça Aranha, 57). Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO DA SÉRIE A — VESPERAL — Com a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Peter Eros, e tendo como solista o violonista Zvi Zeitlin. No programa: **Abertura de Beethoven**, **Opus 26-A**, **Gruta de Fingal**, de Mendelssohn. **Concerto para Violino e Orquestra** (em comemoração ao 125.º aniversário de falecimento do compositor), de Mendelssohn, e **Sinfonia N.º 6**, de Tchaikovsky. No **Teatro Municipal**, hoje, às 16h30m.

BARBOSA TIMA — Recital de violão, apresentando obras de Hérís, Scarlatti, Haydn, Bach e outros. No **Sala Leopoldo Miguez** (Escola da Música), hoje, às 21h.

CORAL ECO E LITTLE SINGERS — Recital promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Japão. Regência de Teruo Yoshida, com Humberto Kawai ao piano. Hoje, às 16h, na **Associação Cristã de Moços**, Rua da Lapa, 86.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

RECITAL — De Eliane Sampaio e Jodaci Damasceno, apresentando **Modinhas Brasileiras do Período Colonial e do Império**. No **Parque da Cidade**, amanhã, às 11h. Entrada franca.

CONCERTO PARA A JUVENTUDE — Com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC. Solistas: Ayrton Pinto e regência do maestro Nelson Millo. No programa, obras de Mário Picarelli, Bach e demonstração do violino eletrônico. Amanhã, às 10h, no **Teatro Municipal**. Entrada franca.

CASA DE RUI BARBOSA — Exposição permanente com os móveis, roupas, livros e carroçagens que pertenceram a Rui Barbosa. Rua São Clemente, 134 (246-5293). De 3a. a domingo, das 14h às 17h.

MUSEU DO PORTO — Documentos históricos e fotografias ligadas ao Porto do Rio de Janeiro. Na parte da manhã, visitas guiadas com condução grátis para escolares. Diariamente, das 13h às 17h, sábados, domingos e feriados, das 14 às 17h.

MUSEU DE ARTE MODERNA — Exposição do acervo e biblioteca, com livros de artes plásticas, cinema e teatro. Avenida Beira-Mar. Aberto de terça a sábado, das 12h às 19h. Aos domingos, das 14h às 19h, com entrada franca.

MUSEU NACIONAL — Fundado em 1818 por D. João V. Tem uma seção de Paleontologia e uma importante coleção de múmias na seção de Antropologia. De 3a. a domingo, das 12h às 16h30m. Segundas e feriados não abre. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão (287-7010).

CHACARA DO CÉU — Pertencente à Fundação Raimundo Costa Maia. Possui 357 obras de arte brasileiro e estrangeiras, entre quadros, estátuas, cerâmica, luminária e prataria. Na Rua Murinho Nobre, 93. De 3a. a sábado, das 14h às 17h. Domingo das 11h às 17h.

MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN — Construído nos fundos do Jardim Botânico em 1800, a antiga Casa dos Pilões e ex-moradia de João Geraldo Kuhlmann é a atual sede do Museu. Ali podem ser vistos objetos pessoais do cientista, seus instrumentos de trabalho, suas coleções e os resultados de suas pesquisas. Na Rua Jardim Botânico n.º 1.008. De 2a. a 6a., das 9h às 17h.

MUSEU DO ÍNDIO — Exposição de várias áreas culturais indígenas. Trabalhos das tribos do Xingu, Pindaré, Norte da Amazônia e Nordeste. Diariamente, das 11h30m às 17h. Rua Mata Machado, 127 (228-5806).

MUSEU DA FAZENDA FEDERAL — Objetos e documentos sobre o desenvolvimento da administração tributária no Brasil, no Palácio da Fazenda, Avenida Presidente Antônio Carlos, 375, sobrelaço, setor A. Aberto de 2a. a 6a.-feira, das 11h às 17h.

JARDIM BOTÂNICO — 40 mil plantas representando 3 mil espécies. A mais completa coleção de palmeiras do mundo e a Palma Mater, com 38,70m, plantada por D. João VI. Obras de arte e prédios históricos, como o da fábrica de pólvora fundada em 1808. Guias para visitantes e para os visitantes estrangeiros. Rua Jardim Botânico, 920, das 8h às 17h.

FLORESTA DA TIJUCA — Visita à Cascatina, Agude de Solitário, Bom Retiro, Cascatã Diamantina e Capela Mayrink, que tem no altar quatro painéis de Portinari.

JARDIM ZOOLOGICO — Várias espécies de animais da fauna mundial, especialmente da brasileira, africana e asiática. Grande coleção de aves e pássaros do Brasil. Na Quinta da Boa Vista, diariamente, das 9h às 18h30m.

CINEMA EM TERESÓPOLIS